

## **A INTERNACIONAL DE CONSCIÊNCIAS**

Uma inspiração do Colégio Internacional de Terapeutas

*Jean-Yves Leloup*

As dez orientações do CIT inspiraram, inicialmente na França, um movimento chamado Europa de Consciências. Por ocasião de seu itinerário no Brasil, em outubro de 2000, na UNIPAZ de Brasília, Jean-Yves Leloup ampliou este movimento denominando-o de Internacional de Consciências. Nas suas palavras: O nome Internacional nos lembra que a primeira Internacional foi baseada em uma antropologia materialista que, a justo título, se revoltava contra um certo número de injustiças. Esta Internacional não contemplou a dimensão de consciência, a dimensão propriamente humana, isto é, o respeito à liberdade.

A Internacional da Consciência que pensamos criar não é um partido político e, entretanto, pode inspirar o comportamento político e social. Mas antes de quisermos mudar a sociedade e o mundo temos que tomar consciência do que somos hoje, de nossos limites, de nossas doenças, de nossos desejos, procurando encontrar o médico e o mestre em nosso interior.

Os Antigos Terapeutas de Alexandria eram muito cuidadosos em evitar a dependência de alguém em relação a seu médico ou a seu terapeuta. Não é o terapeuta que cura; é a natureza que cura. O papel do terapeuta é de criar as melhores condições, o local e a prática favoráveis para que a cura possa ocorrer, para que o despertar possa chegar, abrindo os limites ao infinito para o qual somos feitos.

O Colégio Internacional dos Terapeutas inspirou diretamente a Carta da Internacional de Consciências. Talvez ela possa ser a fonte de não somente um sonho a mais, mas de um pouco de realidade transformadora. Isso depende da consciência e do engajamento de cada um.

## **CARTA DA INTERNACIONAL DE CONSCIÊNCIAS**

Considerando que o mundo, em sua construção política atual, leva realmente em conta, unicamente, as dimensões econômicas e financeiras;

Considerando que um materialismo onipresente e organizado se apoderou de todos os continentes gerando violência, mercantilismo, amoralidade, perda acelerada da identidade cultural, e que um novo obscurantismo está em vias de possuir os espíritos;

Considerando que uma uniformização generalizada tende a se impor, destruindo as diversidades culturais e esmagando os indivíduos;

Considerando que somente soluções de ordem espiritual são capazes de responder à amplidão da "crise" de uma maneira profunda e durável, sendo essas mesmas soluções fundamentos verdadeiros das relações fraternas entre os seres humanos e fundamentos de uma relação respeitosa do ser humano para com a Natureza;

Considerando todas estas afirmações, os membros da INTERNACIONAL DE CONSCIÊNCIAS adotam a presente Carta, pela qual reconhecem a importância e a urgência de:

Restabelecer a dimensão espiritual do ser humano e os valores eternos:

- Inteiramente voltado para o ter e o poder, o homem moderno separou-se de sua dimensão mais profunda pela qual sua vida adquire sentido e plenitude.
- É quando está conectado à fonte de toda a vida existente nele que o ser humano pode desenvolver visão e ação justas. Ele participa, então, da dança e da harmonia do universo e, respeitando suas leis, vive na alegria a consciência e a liberdade infinitas.

Reintegrar o ser humano no seio da natureza – tanto no nível da espécie quanto no nível do indivíduo:

- O ser humano é parte integrante da natureza. Nela tem suas raízes e dela retira sua substância. A natureza deu-lhe a vida, ela o nutre e o cura, ela o sustenta e o regenera.
- Quando o ser humano polui a natureza, ele se polui. Quando a destrói, ele se destrói. Quando lhe falta com o respeito, é a si mesmo que insulta.

Submeter o econômico ao político e o político à sabedoria:

- É necessário respeitar, no seio de toda sociedade, uma hierarquia justa em seus poderes. A sabedoria mostra quais são os objetivos e os sugere, o poder político utiliza aquilo que é reconhecido como justo, o poder econômico satisfaz as necessidades materiais no quadro traçado pelo poder político.
- A perda do poder político diante do poder econômico conduziu a esta perversão na qual o consumo se tornou um fim em si mesmo e é concebido como a fonte de toda felicidade.

Favorecer as realizações à dimensão do ser humano e a democracia de vizinhança:

- Há um espaço justo para existir em plenitude, uma distância justa para estar bem um com o outro. Em um espaço muito estreito o ser humano define, em um espaço muito grande ele se perde.
- Em um espaço confinado as relações se tornam rapidamente conflitantes; elas são inexistentes no seio de uma multidão.
- As relações sinceras e francas desabrocham com a proximidade, com a vizinhança.

Instaurar uma maior justiça social, expressão natural de fraternidade e condição de paz durável:

- O sentido da unidade de todas as coisas da experiência espiritual, conduz naturalmente à fraternidade e ao compartilhar. A justiça social não é mais um princípio teórico mas se impõe com a força da evidência. Uma paz durável – tanto para o indivíduo como para a coletividade – decorre naturalmente dela.

Sair do egoísmo nacional para entrar em uma fraternidade sem fronteiras:

- A verdadeira fraternidade ignora as fronteiras. Não é mais possível defender o interesse pessoal e o bem-estar pessoal – a vantagem adquirida – ignorando o que se passa além das fronteiras e que nós contribuímos grandemente para criar.

Responsabilizar a pessoa e encorajar uma solidariedade de vizinhança:

- Não é possível querer-se livre sem, ao mesmo tempo, querer-se responsável. Assumir sua responsabilidade dá ao indivíduo dignidade e grandeza.
- Esta responsabilidade não exclui a necessidade de uma solidariedade que encontra sua primeira expressão no círculo dos mais próximos.

Considerar a necessidade de uma “Declaração dos deveres do homem”:

- A Declaração dos direitos do homem foi concebida para proteger o fraco do forte. Mas, insidiosamente, ela reforçou em todos, o egoísmo e a inveja, em detrimento do dom de si mesmo e do espírito de serviço. O homem, tornado consciente demais de seus direitos, esqueceu de seus deveres.

Investir mais na prevenção dos problemas do que em sua solução – agir na consciência de longo prazo:

- Manter as coisas na ordem justa, antecipando-se aos problemas, é muito melhor que resolvê-los após ter sido negligente.
- Da mesma maneira, é a consciência do longo prazo que deve guiar nossos atos. Não é responsável satisfazer sem limites os seus desejos – tanto para um indivíduo quanto para uma coletividade – sem se preocupar com o futuro.
- A política eleitoral impele em sentido contrário: dá preferência às soluções com efeitos mais visíveis e às ações comandadas pelos interesses do curto prazo, premida pelo espaço do prazo eleitoral.

Sacralizar o nascimento e proteger a primeira infância:

- Sabemos atualmente que a qualidade do nascimento e da primeira infância depende grandemente do equilíbrio psicológico e emocional do adulto, do seu bem-estar relacional e social e de sua felicidade – e os da sociedade no qual ele viverá.
- De onde a importância da qualidade do nascimento, de considerar a criança como uma pessoa e de não lhe infligir ofensas em qualquer nível através de uma conduta que não respeite a globalidade do acontecimento.

Educar para a vida ao mesmo tempo que profissionalizar:

- Ao lado de uma transmissão de saberes e técnicas que preparem para um trabalho, uma educação deve preparar para a arte de viver.
- Devem completar a acumulação de conhecimentos e o exercício da razão: o desenvolvimento do caráter, da sensibilidade, da inteligência emocional; cultura da escuta e do respeito, da disciplina e do esforço, da compaixão e da solidariedade; a abertura à vida interior, à responsabilidade, ao dom de si e ao espírito de serviço.

Reencontrar uma visão global da saúde e aceitar uma medicina plural:

- O homem, atualmente, não é senão uma máquina na qual se consertam as peças defeituosas. Apesar de suas grandes conquistas no quadro em que ela se fixou, falta à nossa medicina uma visão global do ser humano – daí seus resultados contestáveis em termos de saúde global do indivíduo e seu custo excessivo que pesa sobre outros aspectos da vida.

Devolver ao trabalho seu sentido e sua dimensão de serviço:

- O trabalho é um serviço dirigido aos outros ao mesmo tempo em que é um caminho de realização pessoal. Assim percebido, torna-se igualmente útil e comunicativo, em vez de tornar-se enfadonho, aviltante ou desprovido de significação. Seria de bom alvitre religá-lo ao espírito dos construtores antigos ou das antigas corporações, revalorizando o trabalho manual e a aprendizagem: opor-se ao concreto, fabricar, sentir-se pedra viva no edifício, na sociedade.

Abrir mais a sociedade às mulheres e aos valores femininos:

- Nossa sociedade é muito racionalista e patriarcal, sua arquitetura é fria e arrogante, seu funcionamento competitivo. Torna-se necessário abri-la, em um maior grau, à intuição e ao sentimento, à linha curva e à doçura, à acolhida e à doação, à cooperação e à generosidade.

Reintegrar a velhice e a morte no seio da existência:

- A velhice e a morte fazem parte da vida e permitem descobrir o seu sentido. Daí sua importância e o lugar que elas devem ter no seio da sociedade.

Abrir mais o Ocidente aos aportes orientais:

- Valorizando a experiência espiritual, a visão global, os valores femininos, a consciência do corpo, os valores espirituais... o Oriente nos fornece pistas. Ele nos ensina também a diferença entre a pobreza e a miséria e nos ensina que é o amor que nos torna felizes.

Reencontrar o sentido da vida plena:

- Em suas pesquisas voltadas para o exterior, o homem negligenciou a si mesmo, abandonou-se. Resta-lhe aprender – ou reaprender – a abrir seu coração, desabrochar sua alma, conscientizar seu corpo. Ele descobrirá então a plenitude que é o amor infinito, o conhecimento total, a liberdade sem limites. Ele e emergirá na verdadeira vida.